

Psicanálise pura, psicanálise aplicada & psicoterapia¹

Jacques-Alain Miller

I- O *DISTINGUO* PSICANÁLISE/PSICOTERAPIA

O fardo que amarrei nos ombros de vocês - e também nos meus, creiam bem nisso - não seria necessário que eu o desatasse de nós?

Fiz efetivamente pesar sobre nós durante o primeiro trimestre o peso de um lembrete insistente, aquele da diferença entre a psicanálise pura e a psicanálise aplicada - aplicada, acrescentei, à terapêutica².

1. Um lembrete

Enunciado de um diagnóstico

Esse lembrete foi motivado por uma conjuntura, a nossa, uma conjuntura na qual essa diferença me pareceu como não sendo feita, não sendo sequer considerada, percebida, colocada.

Ao mesmo tempo, é um fato que essa relação de dois termos opostos, clássicos na psicanálise e para além dela, mas um pouco ultrapassados, produziu um embaraço, mesmo um sofrimento e, como se escreveu, certo sentimento de hesitação.

Levei em conta esse sentimento. Eu o levei em conta muito seriamente.

Tão claramente quanto eu o tenha formulado, tão ponderado e apoiado em uma evidência e em todos os nossos clássicos, eu havia concebido esse lembrete apenas como o

primeiro passo de um problema a ser resolvido, como o enunciado de um diagnóstico.

Tentei então apreendê-lo da melhor forma. Em minha opinião, a melhor forma não é através da instituição, pela classificação, não é no ponto onde o problema se coloca, implicando aí o que faz acordo ou dinâmica dos psicanalistas entre eles.

O ponto para o qual eu dirigia meu objetivo é a psicanálise como prática. Foi a partir desse ponto que esperei e trabalhei, buscando uma saída que seja senão a boa saída, que tenha pelo menos a chance de resistir por algum tempo. São essas considerações que trago hoje.

Ponto de basta

Falarei certamente, um pouco mais tarde, contra a noção de ponto de basta, na perspectiva que se abriu para mim. Essa perspectiva justifica, com efeito, manter distância com relação ao marco tão constante que podemos tomar sobre o que chamamos, por meio da metáfora que Lacan escolheu, a ilustração do ponto de basta, e que reenvia a um mecanismo significante muito preciso.

No entanto, o que desloquei aqui, o que tentei tramarmuito simples na verdade - comporta para mim precisamente algo de um ponto de basta, ou seja, me forneceu um ponto de vista que, se vejo com clareza o que o preparava, eu não tinha. Eu não havia centralizado a questão da forma como vou tentar comunicá-la hoje a vocês, da forma a mais simples, deixando para mais tarde o que pode ser da ordem da construção.

O fato de que a diferença entre psicanálise pura e psicanálise aplicada à terapêutica não seja feita, conduz a confusões, nos conduziu a confusões práticas, a colocar falsos problemas e, sobretudo, falsas soluções que se esboçariam, em resumo, nos conduziu a certa confusão para situar como convém o que nós fazemos na prática. É preciso

ainda situar em seu lugar a confusão que realmente importa. Qual é? Não se trata tanto da confusão entre a psicanálise pura e a psicanálise aplicada à terapêutica. Essa confusão tem um alcance limitado, uma vez que nesses dois casos, se admitimos que eles se distinguem, trata-se de psicanálise. A confusão que importa verdadeiramente é aquela que mistura, em nome da terapêutica, o que é psicanálise e o que não é.

O desafio essencial

Se restringirmos o objetivo para sermos precisos, o que não pode ser permitido é que a psicanálise, em sua dimensão ou em seu uso, em sua preocupação terapêutica, seja atraída, empurrada e mesmo mortificada por essa espécie de não-psicanálise que é ornada com o nome *psicoterapia*. O que seria preciso é que a psicanálise aplicada à terapêutica permaneça psicanalítica e que ela se mantenha exigente com relação à sua identidade psicanalítica.

Para fixar as ideias, escreverei isso assim:

Psicanálise pura/Psicanálise aplicada (à terapia)//Psicoterapia

Acentuo que a diferença que evoquei entre psicanálise pura e psicanálise aplicada foi feita para fazer ecoar a diferença das duas com relação à psicoterapia. Meu lembrete tinha de fato como objetivo exigir muito da psicanálise aplicada à terapêutica, ou seja, exigir que ela seja psicanálise, que ela não deixe de ser psicanálise - sob o pretexto de terapêutica, ela seja levada a ultrapassar esse limite, essa diferença.

Isso ao ponto que, nesse mesmo sentido, muito simples, aparece claramente que o desafio essencial - e na conjuntura, o desafio essencial da partida que nós estamos jogando hoje - é a psicanálise aplicada à terapia, ou seja,

que ela permaneça psicanálise, que ela seja reservada ao psicanalista, que ela seja a psicanálise como tal enquanto aplicada.

Imagino o acordo existente acerca dessas premissas elementares. Isso supõe reexaminar agora a diferença a ser situada da psicanálise como tal - pura ou aplicada - com a psicoterapia.

A psicoterapia não existe

Trata-se de um tema já tratado, tema que, há uma dezena de anos, foi objeto de um congresso formal, desdobrado em seguida em diferentes eventos. Mas nessa data, certamente não tínhamos os olhos voltados para a conjuntura que temos agora. Digo isso também com relação ao que me toca, pois no decorrer desse congresso, na cidade de Rennes, eu mesmo tomei a palavra sobre o tema "Psicanálise e psicoterapia"³.

Não seria difícil situar essa diferença se abordarmos as coisas por este viés de que a psicoterapia não existe, trata-se de uma insígnia cômoda que cobre as mais diversas práticas que se estendem até aginástica. Não são essas, aliás, as mais nocivas. A ginástica é mesmo um exercício altamente recomendável. É preciso aliás que eu estenda um pouco a minha reflexão sobre a questão, se levo a sério o ponto ao qual somos conduzidos: há mais coisas em nosso corpo do que em nossa filosofia.

De todo modo, essas formas que podem pretender ter efeitos psicoterápicos não nos colocam problemas. As que nos colocam problemas são aquelas que são vizinhas da análise, que acolhem a demanda daquele que sofre e quer saber, e que tratam essa demanda pela fala e pela escuta, e além disso, como se diz, como se dizia há muito tempo, se inspiram na psicanálise - fórmula sacramental e regulamentar em uma certa área. Se formos até o limite, há

formas que se dizem conformes à psicanálise, e se formos ao limite do limite, que se definem como psicanálise.

Um semblante da psicanálise

Não é excessivo, pelo menos a título de exploração, formular o problema nestes termos: a psicanálise produziu, alimentou, encorajou seu próprio semblante, o qual doravante a envolve, a congela, a vampiriza. Digo vampirizar porque poderíamos dar a essa história um estilo de conto gótico à maneira de Edgar Poe, algo como "O psicanalista e seu duplo". Uma vez que teríamos colocado em evidência as semelhanças, as confusões intermitentes sobre a pessoa, o caráter substituível do original e do duplo, o relato se concluiria pela substituição do original pelo duplo, o original terminando expropriado, exilado, como rebotalho, eliminado.

É inacreditável! Lendo o que se diz e o que se escreve entre os psicanalistas bem para além dos limites de nossa superfície, constatamos que isso toma às vezes esta aparência que chamei de expropriação da psicanálise.

Se pensarmos bem, isso é lógico, parece mesmo necessário que a psicanálise tenha produzido seu semblante. Falando claramente, foi isso também o que aconteceu com a filosofia tal como promovida por Sócrates, a qual produziu seu duplo sob a forma dos sofistas. É o que motiva a constante polêmica de Platão contra os sofistas como duplos, como semblantes do filósofo. Isso é agora uma banalidade.

Na forma como começa a se exprimir a dificuldade entre psicanálise e psicoterapia, não esperamos senão ver se desenvolver essa imagética (*imagerie*) do original e seu duplo, somente aqui mais dificilmente situável. Há algo disso aqui, há algo gótico, há um aspecto platônico no tormento que traz ao psicanalista a extensão crescente da psicoterapia, sob sua forma vizinha da análise, essa forma

derivada, e que não me parecia excessivo qualificar de semblante da psicanálise.

A pesquisa sociológica pode ser exercida aqui, mas não é o que nos dará o segredo desse impasse e, com ele, a alavanca capaz de ultrapassá-lo. É na própria psicanálise que jaz certamente o segredo desse semblante, se é verdade que foi ela quem produziu esse semblante que a devora.

Eu coloco aspas. Não nos apavoremos. Fazemos aqui uma colocação do problema e tento reunir algumas notas que alguns poderiam tentar, ou tentam efetivamente, uns e outros, desenvolver partes e uma sinfonia. Há muito a fazer.

2. Uma pergunta feita a Lacan

"O bom lado da razão"

Do ponto em que estamos hoje, podemos perceber que foi certamente a defesa contra esse semblante o que motivou o aparelho de regras formais e de validação institucional tradicional no qual a prática psicanalítica foi inserida por seus primeiros serventes. Dada a natureza da psicanálise, não lhes faltou o pressentimento de que ela produziria seu semblante, ao modo deles, em uma conjuntura no entanto bem diferente da nossa. Podemos dar-lhes o crédito do pressentimento desse semblante – e aqueles que confiaram nesse aparelho são os primeiros a dizer isso, eles o disseram antes de nós – mas nós percebemos bem hoje a impotência desse aparelho. É exatamente porque confiavam nesse aparelho anti-semblante, que eles se fortificaram por trás dele, que talvez tenham sido os primeiros alertados sobre a falha desse aparelho com relação a esse semblante.

Podemos dizer hoje que fazer a diferença entre psicanálise e psicoterapia pela regra e pela tradição, só conduz de fato a instalar a psicanálise em uma posição obsidional, na posição de fortaleza sitiada. Quando se

chega ao estado de fortaleza sitiada, tudo indica que ela está prestes a ser tomada desde o interior.

Vamos! Tentemos manter nosso leme nessa tormenta, a qual não demanda senão algum tempo para tornar-se uma tormenta e, segundo a fórmula de Rouletabille⁴, tomemos "as coisas pelo bom lado da razão".

Isso significa dizer, de início, que nenhuma disposição regulamentar, institucional, pode resistir onde falta a orientação. Não é à instituição que devemos nos dirigir para montar não sei qual tipo de filtro, onde releríamos o joio para liberar o trigo. O que precisamos é de uma orientação de estrutura para traçar nosso caminho.

Digamos que, para traçar nosso caminho, precisamos de uma orientação de estrutura. E a quem pedir essa orientação? Seguramente à nossa cachola (*comprenette*), mas essa cachola tem o hábito - com os melhores efeitos, a meu ver - de dirigir-se - mesmo se é pouco, mesmo se é equívoco, mesmo se é contraditório com outras coisas - ao que Lacan deixou. Eventualmente, trata-se de argumentos e não de indicações. É aqui que, em termos de orientação, temos o costume de buscar o nosso fio, prontos a tomar nota de que a conjuntura mudou, mas dando a ele o crédito, verificado e não cego, de certa capacidade de antecipação do que até agora acreditamos ter percebido.

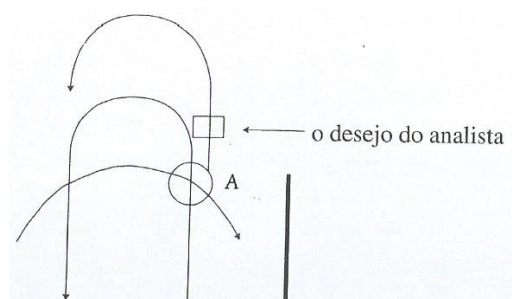
O pequeno ponto de apoio que tomo é aquele que me fornece o fato de que a pergunta lhe foi feita - além do mais, por mim mesmo, vejam em *Televisão*⁵, na página 20 e nas seguintes -, a questão sobre a diferença entre psicanálise e psicoterapia, entendendo por psicoterapia aquela que se apoia na fala, que se funda na escuta e na fala. Essa é a marca de que já naquele tempo se delineava o fenômeno de semblante que, desde então, inchou e no qual estamos capturados.

As respostas que Lacan não deu

Quantas vezes o lemos? Mas trata-se, contudo, de ouvir – é o que muda alguma coisa – sua resposta como uma resposta às nossas interrogações atuais. Para apreciar o acento dessa resposta, ou para apreender o alcance que essa resposta pode ter hoje, convém situá-la sobre o fundo do que ela não é, quero dizer sobre o fundo das respostas que Lacan não dá em 1973 à questão de saber o que distingue psicanálise e psicoterapia.

Dentre as respostas que ele não dá, mas que poderia ter dado – pelo menos é o que proponho – distingo duas, fazendo então daquela que ele dá a terceira da série.

A primeira resposta que ele não dá teria utilizado esse aparelho vetorial que se chama o *grafo do desejo*. É essa resposta que ele não havia dado então – apesar de encontrarmos elementos no curso de seus seminários anteriores – que me coube desenvolver na cidade de Rennes. Ela apoia a diferença entre psicanálise e psicoterapia sobre a diferença de nível no grafo de Lacan.



Ela consiste em repartir psicanálise e psicoterapia nesses dois andares, colocando o papel crucial daquilo que, em **A**, abre a via ao andar superior, e onde podemos considerar que o operador é o desejo do analista, enquanto ele não estaria em função na parte inferior.

Esse esquema tem algo de convincente para dar conta da efetividade da psicoterapia, se quisermos situá-la aqui. O simples fato de colocar-se em posição de escuta, de escuta prolongada de uma comunicação íntima e contínua do

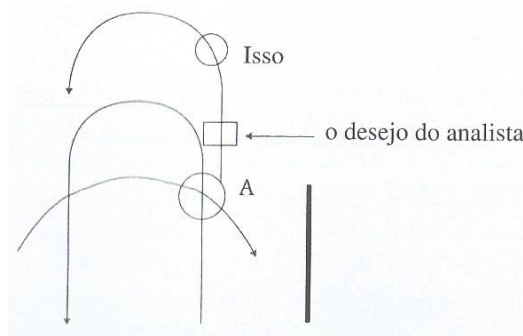
paciente, constitui o auditor em grande Outro, ou o instala no lugar do Outro, onde essa posição de síndico da humanidade de certa forma, de lugar da palavra, de depositário da linguagem, confere à sua fala, quando ele a solta, uma potência que é capaz de operar, que é eficaz, particularmente para retificar as identificações.

Um trajeto mais além

Recordo aqui a noção daquilo que é obtido, que é finalmente muito convincente, e que valoriza a instância do desejo do analista, a qual se funda na recusa do auditor-intérprete em utilizar o instrumento de sua potência suposta, identificatória. É essa abstenção mesma que é o desejo do analista e que abre um trajeto situado mais além.

Fica claro que esse esquema permite, e mesmo encarna, o que significa um trajeto situado mais além, pois, da forma como ele é construído, a única porta de entrada para acessar o andar superior está situada no lugar do Outro. Se a orientação não lhes dá o acesso a esse vetor, vocês ficam bloqueados, não podem ter acesso a ele de nenhum outro ponto. Vocês têm então aqui um ponto singular que funciona como porta de entrada para um vetor. Ali onde se coloca em jogo a orientação do trajeto subjetivo, vocês têm um ponto único.

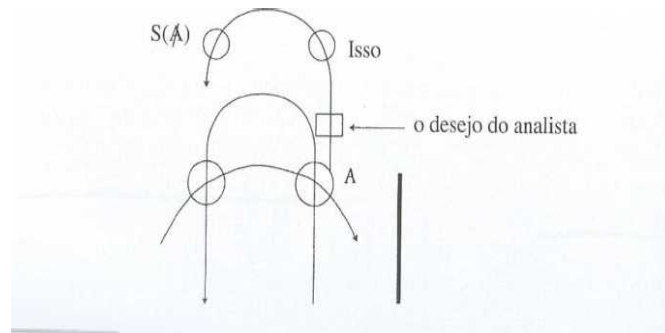
É preciso perceber a que ponto esse esquema tornou-se para nós o instrumento mesmo do reconhecimento da prática, em todo o caso um instrumento predominante, cujos ecos correm. Seu fundamento é, para dizê-lo rapidamente, a cisão e a articulação do que é fala – trata-se dos circuitos do andar inferior – e do que é pulsão. A fala se situa no primeiro andar, e a pulsão, no segundo.



Encontramos aqui, de forma simétrica ao lugar do Outro, alguma coisa contida na escrita lacaniana que antigamente foi preciso decifrar, mas que, por hoje, talvez por um momento, poderíamos simplificar dando-lhe seu nome freudiano de *Isso*. É o que Lacan ao mesmo tempo exprimiu e talvez velou com uma sigla que apresenta certa complexidade, e que pode ser suficientemente distinguida aqui como o *isso*, conferindo-lhe o privilégio de ser o lugar das pulsões.

Recordo que Lacan, em um momento de seu Seminário, se criticou por tê-los confundido durante algum tempo, em vez de separá-los, na sua expressão: "isso fala". Ele se criticava por ter confundido, no seu "isso fala", o *isso* e o inconsciente, mas em seu ser de fala. Esse esquema tira a lição do que Lacan considerou em um momento como sua confusão, distinguindo o lugar da fala e o lugar da pulsão - aqui, o Outro e o *isso*.

Deixo de lado uma interessante digressão - que eu havia preparado, mas terei que omitir - que me conduzia a retomar a função correlativa, ou seja, aquela de $S(A)$, da qual podemos dizer que ela inscreve a cisão entre o *isso* e o Outro, que repercute a cisão do *isso* e do Outro.



Eu privilegio, é claro, a apresentação em andares. Vocês encontram evidentemente em Lacan a possibilidade de considerar que os dois andares são de fato simultâneos, e funcionam de qualquer modo superpostos um ao outro.

O andar inferior, onde por hipótese nós situamos a psicoterapia, é tal que - isso nos daria uma diferença - a questão do gozo não será colocada, pois é preciso ter acesso ao segundo andar para que ela o seja, e é a esse preço que será preservado o Outro todo-poderoso.

Seria escamoteado então, na psicoterapia, o que colocaria em causa o Outro todo-poderoso. Preservar-se-ia, na psicoterapia, a consistência do Outro, ao passo que o próprio da posição analítica, que abre a porta à psicanálise propriamente dita, já seria, admitindo a questão do gozo, de inconsistir o Outro.

Isso é formidável! Acho isso realmente bom. É um raciocínio que se sustenta. Eu já o expus quase assim, de modo bem mais longo. Mas essa não é a resposta de Lacan. Sem dúvida é uma resposta anterior de Lacan, esparsa no curso do Seminário, mas não é a resposta que ele deu.

Ele deu uma resposta que pareceu muito menos interessante, uma resposta realmente pobrezinha, algumas frases para rir.

O que o inconsciente reclama

A segunda resposta, que Lacan também não deu, seria considerar que a psicoterapia se inscreve no discurso do mestre. Por que Lacan não respondeu simplesmente nessa

vertente, já que os quatro discursos eram ainda para ele, em 1973, uma referência perfeitamente atual, utilizada por ele no próprio texto de *Televisão*⁶? Por que ele não deu uma resposta que teria orientado a situar a psicoterapia a partir do discurso do mestre, resposta que não teria sido inadequada?

O discurso do mestre é conforme ao inconsciente. É isso o que o inconsciente reclama. É o seu discurso. Em termos de psicoterapia, se diria: o sujeito reclama uma identificação que se sustente, ele sofre quando essa identificação vacila, quando ela lhe falta. A urgência é, então, restituir-lhe essa identificação. É apenas sob essa condição que ele pode encontrar o seu lugar. E como suponho a psicoterapia um semblante, ela fala como nós: encontrar seu lugar no saber de seu tempo, naquilo que distribui os lugares socialmente indicados ou marcados. E, além disso, o pequeno a como produto. Com efeito, é preciso ser produtivo. É bem isso que motiva a crença contemporânea no sintoma. Isso está referido ao funcionamento. Podemos funcionar ou não conseguimos funcionar? Vemos com clareza que não teríamos dificuldades em definir a psicoterapia no nível do discurso do mestre.

Não confundamos as coisas. O pequeno a que está aqui não é aquele que se articula na fantasia. Utilizemos essa anotação de Lacan que o discurso do mestre é precisamente um discurso que põe um termo à fantasia, que a torna impossível.

\$/ / a

No discurso do mestre há, entre \$ e pequeno a, uma dupla barra que indica o impossível de uma relação, e aqui a relação tornada impossível, da qual ela se desembaraça, é a fantasia. Poderíamos dizer que, de fato, a

psicoterapia privilegia a identificação ao preço de se desembaraçar da fantasia.

A primeira resposta, aquela que se apoia lindamente, de forma convincente, no grafo, faz definitivamente da psicoterapia o primeiro passo de uma análise. É difícil lembrar-me das conjunturas mentais precisas sob as quais eu gaguejei sobre isso há dez anos, mas foi de preferência uma tentativa de consolidar a paz. Tudo vai bem! Essa resposta tinha justamente o mérito de fazer da psicoterapia o primeiro passo de uma análise, tal qual ela pode ser proposta como um exercício na prática dos iniciantes. Essa resposta - a primeira resposta que Lacan não deu - faria da psicoterapia a vizinha e a amiga da psicanálise. Portanto, vocês têm a escolha - se quiserem manter a boa vizinhança, este é o caminho que se deve tomar.

A segunda resposta que Lacan não deu, pelo discurso do mestre, distancia pelo contrário a psicoterapia, pois ela a coloca no registro do avesso da psicanálise.

O traço distintivo do sentido

A terceira resposta, aquela que foi dada, e que passou largamente despercebida nas suas consequências, no seu acento, brilha por sua simplicidade. Ela enuncia simplesmente, como traço distintivo da psicoterapia, o sentido, e isso é tudo - há enfim alguns detalhes ornamentais para fazer rir do sentido.

Lacan se contenta em dizer: "A psicoterapia especula sobre o sentido, e é isso que faz sua diferença com relação à psicanálise". Ele zomba um pouco do sentido, em algumas linhas: o sentido sexual, o bom senso, o senso comum. Ele zomba do sentido ainda mais, ao assinalar que - trata-se de um pequeno detalhe que tem hoje outra ressonância - nós "pensaríamos que a vertente do sentido é aquela da análise".

No momento em que ele zomba do sentido, em que atribui à psicoterapia o fato de especular sobre o sentido, diz também: "Essa vertente do sentido, nós acreditaríamos que é aquela da psicanálise". Há a notação precisa do fato de semblante. Quando se especula sobre o sentido, se faz crer que a psicanálise opera nessa vertente. Nesse condicional e nessa notação, já desliza o fato de semblante.

É pelo viés do sentido que o lugar da psicoterapia pode ser confundido com o lugar do exercício da psicanálise. Há aqui no horizonte uma confusão, a confusão que eu dizia do duplo expropriador.

Isso é o cúmulo, pois nós teríamos as melhores razões para acreditar que a análise opera na vertente do sentido; não foi senão o sentido como tal a porta de entrada de Lacan na psicanálise. Se há alguém que acreditou que a vertente do sentido era certamente aquela da psicanálise, se há alguém que inclusive introduziu isso na psicanálise, foi Lacan. Lacan entrou na psicanálise reintroduzindo o sentido.

Temos aqui uma das manifestações do que chamei antigamente *Lacan contra Lacan*. Quando ele diz: "Ah! que bobagem pensar isso!", comecem a examinar se não seria um certo Lacan Jacques que Jacques Lacan critica. Ele pôde criticar outros e isso lhe acontecia frequentemente. Há aqui um elemento de audácia, não desenvolvido, aliás, no nível da argumentação, que contribuiu para apagar as arestas, e precisamente o ponto de parada que estava aqui indicado tão simplesmente.

Com relação às referências de Lacan ao sentido, indicarei aquela de um texto antigo sobre "A agressividade em psicanálise", página 105 dos *Escritos*⁷. Vocês verão que é a partir do sentido que Lacan define o sujeito: "Somente um sujeito pode compreender um sentido, inversamente todo fenômeno de sentido implica um sujeito". Em segundo lugar,

é também com base no sentido que ele situa o sintoma psicanalítico. E é enfim o sentido que nomeia - segundo ele em seu relatório de Roma⁸, página 259 - a operação própria da fala, aquela de "conferir às funções do indivíduo um sentido". Ele promove a função da fala como essencial na psicanálise, precisamente na medida em que ela pode dar sentido.

Rejeição do sentido

Seguramente, quando ele rejeita o sentido do lado da psicoterapia, em 1973, ele já fez muito para ressituar a instância do sentido ao longo de vinte anos de seu ensino. Por certo ele ressituou o sentido como efeito do significante, deslocou a definição do sujeito rumo ao significante, separou o significante e o sentido, convidou a isolar no sintoma os significantes sem nenhum sentido que nele estão capturados. Vejam os *Escritos* página 856, onde é entre parênteses que aparece o "sem nenhum sentido" que qualifica estes significantes capturados no sintoma.

Podemos seguir esse movimento na trajetória de Lacan: após ter promovido o sentido, ele vai ressituá-lo, relativizá-lo, minorá-lo. Mas de fato aqui, no sarcasmo contra o sentido que aparece nesse parágrafo de *Televisão*, trata-se de outra coisa, há outro acento.

Assinalarei esta palavra que aparece no final do texto de Lacan que precede *Televisão, O aturdito*⁹: "semantofilia". Isso é feito para zombar - um ano antes - do amor ao sentido. Ele evoca o turbilhão da semantofilia que devia a ele alguma coisa, por uma razão evidente, pois, como sabemos, ele havia promovido o sentido como essencial na operação analítica. Isso visa à universidade dos anos 1970. É o mesmo acento que, em *Televisão*, Lacan desloca para imputá-lo à psicoterapia, para fazer dele em

sua resposta o traço distintivo que distingue a psicoterapia da psicanálise.

É a primeira emergência de algo que, preparado sem dúvida, é mesmo assim um marco. Posso imputar a Lacan, ao contrário, uma semantofobia, a rejeição do sentido. Ele passou, ou parece ter passado, da semantofilia à semantofobia.

Percebeu-se claramente que ele abandonava esse valor levitatório que atribuía ao sentido em benefício do significante e especialmente em benefício do matema como vetor do ensino da psicanálise, de uma transmissão integral fora-do-sentido, que é precisamente o que ele desenvolve no seu escrito *O aturrito*. Mas o que não se percebeu, e que podemos agora apreender a partir disto, desse quase nada, é que Lacan disse: *o sentido*; ele não disse outras coisas muito mais interessantes que poderia dizer, lançou essa pequena pedra. Quanto a mim, digo que sobre essa pedra podemos construir não uma igreja, mas uma saída.

O que podemos agora apreender a partir do ponto onde estamos, ou seja, do ponto em que a psicanálise é devorada pelo seu semblante, é que o fora-do-sentido é o desafio decisivo. Não se trata somente de um meio, subalterno no final das contas, de fixar as ideias, tipo matema. Utiliza-se o fora-do-sentido para isso. O matema permite a transmissão fora-do-sentido. Aquilo de que se trata no fora-do-sentido, não é somente veicular o saber que pode ser elaborado a partir da psicanálise. Podemos perceber, do ponto de dificuldade em que estamos, que se trata, sobretudo, para Lacan, de um desafio prático. É o desafio mesmo da prática da psicanálise em sua diferença com a psicoterapia.

Chego a dizer que é a partir desse ponto precisamente que Lacan apostou no nó borromeano, que ele foi, como ele disse, cativado por esse nó, e dedicou a esse nó o que costumamos chamar entre nós de seu último ensino. Seu

último ensino é uma elaboração da psicanálise na sua diferença com a psicoterapia e enquanto psicanálise fora-do-sentido.

3. Uma psicanálise sem ponto de basta

A psicanálise fora-do-sentido

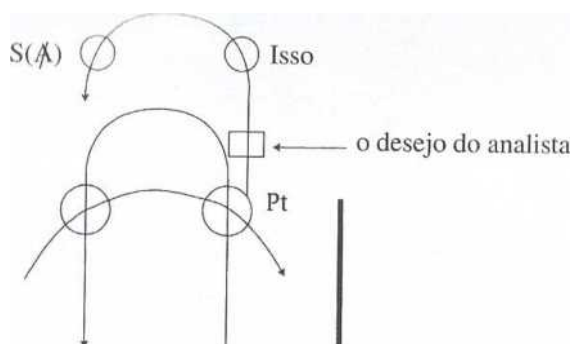
Podemos considerar esse último ensino como não conclusivo, ele nos resta no estado de uma exploração. Ele não se mantém. Ele é feito de pedaços. É contraditório. Está claro que, para fins de utilização, falta justamente um ponto de basta ao último ensino de Lacan. Mas olhemos isso de viés, de uma forma um tanto diferente. O que é explorado precisamente, em sua dimensão de fora-do-sentido, com o suporte de um nó, não é capaz de encontrar um ponto de basta.

As rodelas ditas de barbante que compõem esse nó se puxam, se imobilizam diversamente, se limitam umas às outras, mas elas deixam sempre graus de liberdade umas com relação às outras. Elas se apresentam de formas modificáveis, são certamente susceptíveis de serem distinguidas, identificadas umas com relação às outras, pela cor, pela orientação, mas o nó que elas formam não se presta a esse cruzamento de vetores de onde procede a iluminação do ponto de basta.

É precisamente uma psicanálise sem ponto de basta que esse ensino testemunha, inclusive na sua forma. O ponto de basta é um fenômeno de sentido, e é precisamente a ele que convém renunciar ali onde é o fora-do-sentido que dominaria o negócio. Eu acentuaria que a noção mesma de ponto é interrogada por Lacan a partir de seu nó. A própria noção de ponto é questionada desde o seminário *Mais, ainda*¹⁰, capítulo X, o capítulo das rodelas de barbante, onde Lacan anuncia seu interesse pelo nó borromeano, página 160. Vocês verão que muito precisamente, e desde o início,

Lacan questiona o fato de que a noção de ponto seja sustentável.

Ela é sustentável efetivamente quando temos linhas e superfícies, mas quando temos cordas que são encadeadas, é a noção mesma de ponto que falta a vocês. O ponto de basta é um termo final, um ponto de retrocesso, a partir do qual uma trajetória de uma experiência se ordena, se re-significa e se re-subjetiva. É justamente isso que é questionado pela psicanálise fora-do-sentido. Ela coloca em questão o conceito mesmo de finitude.



Vemos bem isso quando seguimos esse último ensino, pois ele se apresenta de forma explodida, inacabada e inatingida. Podemos imputar isso à anedota da pessoa, mas é um ponto de vista "superior" - superior pelo uso que podemos fazer dele. Precisamente porque esse ensino se instala em uma dimensão que não comporta o acabamento, uma dimensão à qual pertence essencialmente o infinito, mesmo se ela se sustenta, em sua base, por três elementos encadeados.

A série sem fim

Em outras palavras, naquilo que Lacan elabora, justamente pela rejeição do sentido, no sarcasmo, do lado da psicoterapia, é uma psicanálise na qual, no lugar do ponto de basta, se inscreve efetivamente a série sem fim. É a partir dali que se ordenam, que tomam seu sentido, os

ditos de Lacan, esparsos, discretos, rápidos, que questionam, colocam em suspensão, minoram, desvalorizam e mesmo desmentem francamente a noção de um fim da análise.

Isso foi notado seguramente, e como um ponto acessório. Foi notado em suas conferências publicadas no número 6/7 de *Scilicet* do final de 1975. Foram notadas, com surpresa, estas palavras, segundo as quais uma análise não deve ser levada muito longe: "Quando o analisante pensa que ele é feliz em viver, é suficiente".¹¹

Podemos dizer: foi para os americanos que ele disse isso, pois a busca da felicidade é o fundamento do conjunto que eles formam como nação. Mas lemos isso também na lição de 8 de abril de 1975: "Cada um sabe que a análise tem bons efeitos, que só duram um certo tempo. Isso não impede que seja uma trégua, e que é melhor do que não fazer nada".

Podemos minorar essas palavras que Lacan não multiplicou, que precisamos procurar nos cantos, e que depois passamos adiante como testemunho da latitude que Lacan podia ter com relação às suas elaborações. Podemos minorar isso, ver nessas palavras modulações, ironias. Eu as acentuo. Digo que são palavras fundamentais e que elas são coerentes com o conjunto, o conjunto explodido do que é então explorado.

Posso acrescentar esse pequeno escrito de Lacan ao qual já fiz alusão, onde ele diz: "Finalmente o passe, quando o passamos, é uma pequena história que se conta". Isso é sublinhar que o passe é construído, que ele é um artifício, que ele tem relação com a arte, se vocês quiserem, e demonstra um saber-fazer.

O passe como ponto de basta, o passe-relâmpago, do qual Lacan pôde falar, que está ainda sob o regime do sentido, o passe-história, o passe-relato, é evidentemente relativizado no regime da psicanálise fora-do-sentido. Ele é uma elucubração - termo que utilizo aqui, mas que é fundamental nesse registro. Há boas elucubrações, mas a

promoção mesma do termo *elucubração* no último ensino de Lacan traduz essa relação entre o fora-do-sentido e os artifícios do sentido.

Isso não anula o passe – depois de ter aliviado vocês de um fardo, se eu coloco esse aqui nas costas de vocês! – mas considera a experiência analítica sob outro ângulo.

É preciso se acostumar com isto: as verdades são sólidas, como diz Lacan. Há diferentes facetas e, segundo o ponto onde estamos, segundo o ângulo de nossa perspectiva, percebemos outra coisa. As verdades são sólidas... Nós é que devemos ser tão sólidos quanto as verdades.

A instância central do sintoma

A consequência inesperada de tomar as coisas por esse viés, é que, de um lado, a psicanálise fora-do-sentido aprofunda a diferença com a psicoterapia – o último ensino de Lacan, tal como podemos percebê-lo e utilizá-lo na nossa orientação atual, aprofunda o fosso com a psicoterapia – e, ao mesmo tempo, ela apaga, ou pelo menos tende a apagar, a diferença entre psicanálise pura e psicanálise aplicada à terapêutica.

É o que já comporta o que eu disse acerca do passe. O passe não é exceção. Pelo contrário, a psicanálise fora-do-sentido que Lacan desenvolve em seu último ensino, essa tentativa de olhar a psicanálise por um viés que rejeita o sentido – só se pode ir nessa direção até certo ponto, e Lacan foi visivelmente muito longe nesse sentido; nós apreendemos aqui da melhor forma a sua prática – acentua o elemento terapêutico da psicanálise. É exatamente o que assinala essa frase sobre a felicidade de viver. Esse último ensino é conduzido a fazer do sintoma sua referência clínica principal, senão única. Na perspectiva da psicanálise fora-do-sentido, a diferença

entre psicanálise pura e psicanálise aplicada à terapêutica é uma diferença não essencial.

Agora que mostro a vocês de que modo podemos desatar o fardo das costas, talvez os braços de vocês caíam. Se, em nossa conjuntura, queremos reciclar o último ensino de Lacan, precisamos estar prontos para uma transmutação de todos os valores psicanalíticos que o próprio Lacan nos transmitiu e que repetimos continuamente. Por isso, esse último ensino é um exercício limite nos confins da psicanálise, ele é de certa forma o avesso, ou o inferno, do ensino de Lacan.

O valor que damos à representação da análise como uma trajetória tendo etapas e um fim mostra bem que, para nós, é um valor que a experiência analítica seja regida por uma lógica do mais além. Essa lógica está, aliás, na psicanálise: para além do princípio do prazer, para além do Outro rumo à $S(\mathbf{A})$, para além da demanda e da identificação rumo ao desejo. O acesso ao gozo supõe uma transgressão, uma passagem ao mais além, protegido. O acesso ao gozo é protegido e barrado pelo princípio do prazer, e em troca, para o analisante, é preciso ir mais além do sintoma rumo à fantasia, onde reside o que o move em seu desejo.

Vemos bem aqui como se correspondem e são homólogas a transgressão do gozo e a travessia da fantasia. É a mesma conceitualização que sustenta a noção de que é preciso ultrapassar uma barreira para ter acesso ao gozo e de que, na análise, é preciso ir além do sintoma para tocar e atravessar a fantasia. São termos que se correspondem, e que implicam a noção de um *até o final*.

Há aqui, efetivamente, uma transmutação, a transmutação que se apoia na rejeição do sentido. Não é para se mostrar malicioso que Lacan trazia o *sinthoma*, mas para instalar como central na clínica uma instância na qual não se faz mais a diferença entre sintoma e fantasia.

O nó borromeano, uma relação

Quando vocês não fazem mais a diferença, como fazer para ir mais além de um rumo ao outro? O caminho do mais além está bloqueado para vocês. O nó borromeano é uma máquina para cortar o mais além.

Como podem vocês operar uma transgressão de barreira rumo ao gozo a partir do momento em que Lacan elabora um gozo que está em todos os lugares, em que ele renuncia a fazer a distinção entre prazer e gozo, e formula: "Lá onde se fala se goza"? Ele se retrata quanto a essa diferença tão fecunda que figura no grafo. "Lá onde se fala, se goza" restabelece o seu "isso fala" que ele havia renegado, ligando-o ao gozo. Onde está então a transgressão?

É claro que isso vai junto com a desvalorização da fala. Não se trata de um quarto de volta, mas realmente de 180°. Lacan, que incensou a fala, qualifica-a em seu último ensino de tagarelice, de blábláblá, e mesmo de parasita do ser humano. O sentido só entra em fórmulas onde é a imbecilidade que o caracteriza. Isso é um tiro na fala.

Além disso, é um tiro na linguagem. Lacan a havia colocado no nível da estrutura, da estrutura essencial, e inclusive, em "O aturdido"¹² - que aturdido! - de 1972, colocava essa estrutura no nível do real. "A estrutura é o real", dizia ele ainda. Mas quando ele trouxe *lalíngua*, simultaneamente fez da linguagem, da gramática assim como da estrutura apenas elucubrações.

Ele desclassificou, é claro, seu conceito de linguagem e também o conceito de estrutura, que não é mais colocado no nível do real. Isso é correlativo à substituição sistemática, como alvo da experiência, do termo *sujeito* pelo termo *falasser*.

Lacan, que era o promotor da integração da psicanálise na ciência e, na falta disso, de sua relação

essencial, no tempo de seu último ensino não recua em qualificar a ciência de futilidade.

Esse é também o momento em que Lacan procede a grandes exorcismos na psicanálise. Ele exorciza o conhecimento, exorciza o mundo. Abaixo esse conceito! Ele exorciza o todo. Exorciza também - é aqui que ele utiliza a palavra *exorcismo* propriamente dita - o ser, página 59 de *Mais, ainda*¹³, precisamente por suas afinidades com o sentido. E tudo isso em prol do real, antinômico ao sentido, antinômico à lei, antinômico à estrutura, impossível de ser negativizado. O real é o nome positivo do fora-do-sentido, embora dar nomes coloque aqui efetivamente um problema.

Seria uma elucubração, da minha parte, constituir essa perspectiva da psicanálise fora-do-sentido? Ela se apresenta essencialmente em Lacan através de flashes, através de tentativas, como ele próprio diz. Ele não deixou algo acabado.

Vejam a vantagem que já tivemos ao extrair daí algumas considerações que mudaram nosso olhar sobre a clínica, como pudemos perceber em uma famosa reunião de Arcachon¹⁴.

Penso que vale a pena elucubrar sobre essas tentativas de Lacan, ainda que inacabadas, pois são dotadas de uma consistência da qual há algo a ser tirado. Isso é correlativo ao que foi o meu problema, que anunciei no início do ano, a saber, compreender, apreender melhor a não-relação sexual.

É seguro que, em Lacan, o nó borromeano de três vem no lugar da relação sexual a dois, que não existe. Esse nó nos permite simultaneamente apreender aquilo mesmo de que se trata no termo *relação*.

O que é o nó borromeano? Materialmente, são três rodela de barbante. Do ponto de vista da matéria, daquilo que podemos tocar, é uma rodela, uma outra, uma outra. O

que constitui o nó não se situa em nenhuma delas. É precisamente o nó que nos dá a chave do que é uma relação. É o próprio nó, o enodamento enquanto distinto de seus elementos, que é uma relação.

II- O CONJUNGO PSICANÁLISE PURA E APLICADA

1- A perspectiva do *sinthoma*

Exercício La Bruyère

Dediquemo-nos agora a definir, tão puramente quanto possível, a psicanálise pura e a psicanálise aplicada uma pela outra e vice-versa. É o que já chamei de o exercício *La Bruyère*, autor que gosto de ler desde os tempos de colégio: "Corneille descreve os homens como eles deveriam ser, Racine os descreve como eles são".

Seria tentador, nessa via, proferir que a psicanálise pura é a psicanálise como ela deveria ser, e a psicanálise aplicada é a psicanálise como ela é. Isso indica uma direção, uma orientação, talvez mesmo uma tentação à qual se poderia ceder. Mas seria realmente aconselhado? Seria ir, quanto à psicanálise, no sentido de baixar as pretensões, ou seja, rebaixar o ideal sobre aquilo que é o fato.

Não descarto essa direção no que ela tem de salutar para nos situarmos. Poderíamos exprimi-lo assim - para animar um pouco, para fazer brilhar o que essa direção teria de desmancha-prazeres: sempre preferir o real ao imaginário. Seria - por que não? - a isso que nos incitaria o simbólico. Mas seria preciso ainda assegurar-se de que o próprio simbólico não é mais imaginário que real.

O corneliano se sai bem - esse é o seu traço - e com todas as honras da guerra, embora ele termine em farrapos. O raciniano, o sujeito raciniano - se podemos utilizar essa expressão -, não sai, ele fica.

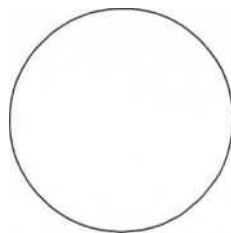
O cornelianiano tem seu debate, seu famoso debate que o oprime, mas que é estruturado, uma alternativa, ao passo que o raciniano fica, antes, capturado em um dilema. Ele nem sequer pode se regular sobre o pior, pois o pior está dos dois lados. Ele está no impasse. Em geral, só resta ao raciniano cair fora, enquanto o cornelianiano consegue se virar, de preferência do lado da identificação.

Quando se trata da psicanálise, devemos usar o tom trágico? Realçemos que Lacan se vale mais do tom cômico. Mais exatamente, a respeito do lado por onde se sai, ele diz ser da ordem do dito espirituoso, do *Witz*, que não é o cômico, mas acarreta o riso. Do lado onde não se sai, e onde se espera o acento trágico, ele vê o cômico. Como ele pôde dizer em um enunciado muito simples - a ser situado no bom lugar que estou tentando lhe preparar: "A vida não é trágica, ela é cômica". Conseqüentemente lhe parece então totalmente inadequado que Freud tenha ido buscar uma tragédia para extrair dela o complexo de Édipo.

Introduzo isso à minha maneira, mas aquilo de que se trata é algo muito preciso. Isso significa que quando a gente sai disso, ou se a gente sai disso, ou na medida em que a gente sai disso, é jogando com o significante, através de jogos de significantes - sobre os quais repousa o efeito de *Witz*. Mas, do lado onde não se sai - ninguém sai -, há pelo menos um significante com o qual não se pode brincar, pelo menos não se pode brincar com o que ele nomeia, se damos ao que ele nomeia o nome de gozo. Há aqui, como Lacan notou de imediato, algo que não se negativiza, que não se presta a que se possa jogar com a anulação. Se designamos esse significante por Φ , vemos imediatamente em que sentido é cômico o fato de não ser possível sair disso.

Definir a pura e a aplicada

Retornemos à definição da pura e da aplicada. Definir é um jogo. Definir, se procuramos a salvação nesse caminho, é cernir, cernir o próprio.



Para que fiquemos tranquilos, é preciso certamente que haja uma superfície e todos os instrumentos que nos dariam a segurança de que o que um é, o outro não é. O que está justamente em questão, é o fato de saber se podemos, na psicanálise, pensar em termos de linhas e de superfícies, ou seja, também por definições. A definição já é sobrecarregada de pressupostos e desvendá-los implica torções e contorções, como pudemos acompanhar, eventualmente de forma dolorosa e mesmo de forma cômica, em Lacan no ponto extremo do seu esforço. Está colocado em questão que se possa definir tranquilamente. É preciso ter uma crença ingênua. Mas vamos, senão ficaremos sem nada a dizer.

A psicanálise pura – tentemos isso – é a psicanálise na medida em que ela conduz ao passe do sujeito. É a psicanálise que se conclui pelo passe. Aqui, o sujeito sai disso, e ele sai aliás – ele tenta – com as honras da guerra. Em todo caso, podemos convidá-lo a demandar as honras, ou seja, algo consagrado por um título. Se esse título não pertence à ordem das honrarias, então as palavras não têm mais sentido comum, o que é aliás bem possível. Isso permite a esse sujeito pertencer a uma classe distinguida que, mesmo se nós pudemos torná-la não permanente, não se pode negar distingui-lo para além do tempo em que conviemos que o título deslize.

A psicanálise aplicada é a psicanálise que concerne ao sintoma, a psicanálise enquanto aplicada ao sintoma. E aqui, será que a gente sai dele? Haveria nesse nível – se é um nível – uma saída? Há algo que se chama a cura (*guérison*) e que poderia, com efeito, ser o nome da saída nessa vertente. Como vocês sabem, trata-se de um termo que, em psicanálise, é muito problemático, muito relativo.

Mas a saída que se chama passe não é menos problemática. Aliás, a tal ponto que incitamos vigorosamente aqueles que saíram por esse lado a explicar como pensam ter feito para conseguir isso. Constatamos que, no contexto de uma análise, cada um é tomado, ou foi tomado, como pôde, à sua maneira. A saída passe não é menos problemática que a saída cura (*guérison*), mesmo se a saída passe é suscetível de uma definição radical na psicanálise. Foi Lacan quem deu essa definição radical – ele deu mesmo várias – ao passo que a cura (*guérison*) não se beneficia de uma definição radical.

É glorioso ter uma definição radical? É cômodo? É sólido? Poderíamos dizer que beneficiar o passe de uma definição radical é antes sua fraqueza.

Se reduzirmos as pretensões, o passe é a noção – peço que tolerem os termos que utilizo – de uma cura (*guérison*) que seria radical, que seria definitiva. Se nós a definirmos assim, vemos bem que é uma noção ingênua, que não pediríamos nada mais que sofisticar. Mas não creio que não se possa – pelo menos de forma tateante – situar o passe como uma radicalização da cura (*guérison*).

A cisão entre duas psicanálises, a pura e a aplicada, repousa na diferença entre sintoma e fantasia. Ela repousa na noção de um além do sintoma, na noção de que, para além do sintoma, há a fantasia.

O que é cura (*guérison*) do sintoma, melhora, alívio, bem-estar, deixa ainda lugar para uma operação sobre o termo ulterior. Dada a forma como nós definimos a fantasia,

não chamamos essa operação de cura (*guérison*). Nós a chamamos correntemente - isso começou a correr porque nós pontuamos um termo empregado uma vez por Lacan, não mais - de travessia quando se trata da fantasia. Mas isso comporta também a noção de redução, que vale para ambos.

Enquanto essa oposição se mantiver - e fiz tudo para que ela dure; na segunda série dos cursos que dei com o título geral de *Orientação lacaniana*, eu embarquei, e vocês comigo, na diferença entre sintoma e fantasia, respeitando a noção de que, talvez, não havíamos esgotado tudo em relação à fantasia e que um pequeno retorno ao sintoma também deveria ser delineado¹⁵ -, enquanto esta oposição se mantiver: o sintoma como o que não vai bem, como o que faz mal, e a fantasia onde estamos bem, ou pelo menos, da qual se pode tirar um gozo, estamos fundamentados para distinguir a psicanálise pura e a psicanálise terapêutica.

Como aparece essa distinção? Sob a forma de que a psicanálise terapêutica seria uma forma restrita da psicanálise pura. Mas essa não é a última palavra sobre a questão e eu poderia, aliás, me deter de bom grado nesse ponto para ilustrá-lo. Há vários anos fixei o cursor sobre isto, a oposição entre sintoma e fantasia, e portanto sobre a distinção das saídas¹⁶. É que isso tinha virtudes de estruturação cujos resultados vimos, e a que ponto isso era suscetível de ser ilustrado - isso foi ilustrado da melhor forma. Contudo, não podemos dizer que se trata da última palavra sobre a questão.

Aliás, o último Lacan aconselha nunca se deter na última palavra sobre a questão, nunca se deter na última palavra. É a paranoia, diz ele, se a gente se detém. O nó é justamente feito para nos desembaraçar dessa paranoia.

Um campo de desorientação

Não é a última palavra, não é a palavra final, pois há uma outra perspectiva, um outro ângulo sob o qual se desvanece a diferença entre sintoma e fantasia. É o ângulo do que Lacan trouxe sob o nome de *sinthoma*, utilizando uma grafia antiga da palavra - foi assim que eu havia explicado algo na época - para incluir no mesmo parêntese sintoma mais fantasia¹⁷.

Sinthoma = Sintoma + Fantasia

É uma aproximação dessa equação, mas eu havia situado ali que a oposição clínica do sintoma e da fantasia, tão fundada quanto ela seja, não impede que se possa tomar outra perspectiva. Sob esse ângulo, a diferença das duas psicanálises não é essencial.

Salvo erro de minha parte, a diferença entre as duas psicanálises está ausente daquilo que ensina o último Lacan. Se alguém me trazer a referência que me falta sobre isso, fiquem tranquilos, eu saberei como me sair. Direi precisamente: não é essencial.

Não é uma questão de fatos, é uma questão de apreender a orientação do que Lacan trouxe *in fine* como desorientação. Ele tocou na bússola da orientação que ele mesmo havia construído no curso dos anos, para abrir *in fine* um campo de desorientação. É muito complicado segui-lo nesse ponto, pois é preciso desaprender. Como depois disso o tempo passou, nós amuramos a construção de Lacan na sua parte, se posso dizer assim, arquitetural.

É preciso trabalhar duramente para se colocar no nível dessa desorientação, para se colocar no seu movimento, e para não se deixar deter pela indignação que pode se apoderar, que o último Lacan é o último dos últimos. Trata-se de alguém que diz - ele diz entre as linhas, deixa subentendido, diz um pouco de lado, baixinho -: 'o passe não existe'. Vocês podem ouvir isso? De forma

mais precisa talvez - isso dará certo alívio - 'o passe não ex-siste'. É preciso perceber o valor próprio que damos a este artifício de escrita, ou seja, o pequeno hífen separando *ex* da *sistência*. Ele insinua, tão claramente quanto possível, que o passe não existe, ou se ele existe, é de preferência no estado de fantasia.

Aqui, cuidado com a significação imaginária dessa palavra!, que não é exatamente aquela da palavra que escrevi aqui. É preciso ainda deslocar a significação do termo *imaginário*. Vocês percebem a cadeia de desorientação na qual é preciso avançar.

De qualquer forma, antes de se indignar dizendo que isso é muito pouco para nós, que o último Lacan não é essencial, antes de se indignar contra o atentado que ele comete em relação ao passe, é preciso ver bem que, na perspectiva do último Lacan, do último julgamento, na perspectiva do Julgamento final, eu cito Lacan¹⁸: "A ciência ela mesma nada mais é que uma fantasia". Isso permite engolir mais facilmente que o passe poderia ser apenas uma fantasia, se ele é acompanhado pela própria ciência.

A ciência é apenas uma fantasia...

Isso é exorbitante. É exorbitante ter escutado, lido, redito: "A ciência é apenas uma fantasia". Na boca de Lacan! É exorbitante do ponto de vista do senso comum. É exorbitante com o que ele sustentou seu ensino, como Freud o havia feito ao seu modo, recorrendo a outras ciências, a uma dialética mais sofisticada da psicanálise e da ciência. Não é da parte dele que esperaríamos a proposição: "a ciência é apenas uma fantasia". De onde se pode proferir essa enormidade que desata o laço entre psicanálise e ciência? O passe vai, ao mesmo tempo, à deriva.

É preciso retomar isso tranquilamente, tentar colocá-lo em seu lugar, tomá-lo em uma cadeia, mesmo que o nó não seja uma cadeia, mesmo que ele seja construído de outro modo. Mas para que possamos avançar, é preciso encadear. Se, em vez de nos indignarmos, escolhermos nos estabelecer sobre os enunciados de Lacan que recordei, que ele não prodigalizou, não multiplicou, mas sobre os quais é preciso colocar o acento, a pontuação, para apreender do que se trata no seu esforço, isso permite finalmente extrair desses elementos uma visada, uma perspectiva, cujo ponto de partida podemos encontrar no que há de mais seguro, de mais clássico, de mais ensinável e de mais ensinado, de sua doutrina.

A psicanálise pura é a noção de uma psicanálise como uma prática que toma seu ponto de partida na transferência, a qual Lacan apresentou como um algoritmo, um algoritmo de saber, e que, sendo levada às suas últimas consequências, encontra um princípio de parada. Trata-se do caráter finito da experiência colocado por Lacan, diferentemente de Freud, e como sendo deduzido, concluído, a partir de um algoritmo de saber, funcionando, portanto, automaticamente. Essa parada é uma iluminação, ou um clarão, um *insight*, uma verdade. Cada um daqueles que pensam tê-lo experimentado, ter tido essa experiência, têm uma maneira própria de reconhecê-lo - isso pode ser em um sonho, ou na repercussão de um sonho, de uma interpretação do analista, de um encontro, de um pensamento. Nessa parada sempre se produz o que eu chamaria de um acontecimento de saber.

O último Lacan coloca em questão - isso é um nada - a validade desse acontecimento de saber, à condição de especificar: com relação ao real. É preciso aqui, ainda, tomar esse real na sua categoria lacaniana, na sua categoria *in fine*. O que demanda desaprender um pouquinho o que nós acreditávamos do real, justamente por ter sido

ensinado por Lacan. Qual o valor desse acontecimento de saber com relação ao real - a apreender como se deve?

Desde já - não digamos mais do que isso, que nos dá o elo seguinte - esse acontecimento de saber só valeria com relação ao real se houvesse saber no real. Se há saber no real, é claro que um acontecimento de saber vale com relação ao real. Esse é o fundamento da prática científica. Se a ciência é apenas uma fantasia, o acontecimento de saber que é o passe, não é mais do que isso. Se a ciência é apenas uma fantasia, ou seja, ela não tem validade com relação ao real, então - eu me desculpo - o passe segue o mesmo caminho.

... e a ideia de um despertar impensável

Por isso Lacan pode dizer, em um mesmo fôlego, na mesma frase de seu Seminário *Le moment de conclure*¹⁹ que a ciência é apenas uma fantasia e que a ideia de um despertar é, para falar claramente, impensável. Despertar é uma palavra de iniciação para qualificar a iluminação do passe. Isso significa colocar também que o pensamento não é apropriado ao real, o que implica rebaixar o pensamento.

Isso é o mais surpreendente, pelo menos nessa primeira abordagem. Em todo o seu último ensino, Lacan classifica o pensamento no registro do imaginário. O que é enorme. Enquanto pouco antes de se engajar nesse último ensino - vocês têm a referência por escrito em "Televisão" - ele explica exatamente ao contrário, o pensamento é do registro do simbólico que perturba o imaginário do corpo. Mas o último ensino de Lacan começa quando o pensamento é rebaixado do simbólico ao imaginário.

Aqui é preciso dizer que a psicanálise pura, com o seu objetivo de passe, se sustenta numa confiança dada ao saber - podemos dizer numa confiança dada ao saber no real - mas somente a título de suposição.

É o que Lacan já traz quando ele introduz o passe em seu texto inaugural sobre o psicanalista da Escola. Ele evoca certamente o saber, mas só o evoca como saber suposto, dando a esse saber seu estatuto de inconsciente. Essa suposição é relativa ao discurso analítico, ela é induzida pelo ato analítico, trata-se de um fato de transferência, um fato de amor. Essa suposição de saber não é real. Lacan assinala isso com todas as letras: o sujeito suposto saber não é real. Portanto, isso não é equivalente a um saber no real.

Lacan sempre insistiu sobre isso. A alavanca para a psicanálise é a suposição transferencial de saber. Isso não garante de forma alguma que haja efetivamente saber no real. Disso decorre o estatuto dado ao inconsciente de ser fundamentalmente uma hipótese e mesmo uma extrapolação. É sobre isso que Lacan constrói o seu *Le moment de conclure*²⁰, do qual extraio esta frase: "A hipótese de que o inconsciente seja uma extrapolação não é absurda".

2- Um real colocado em função

Construção de saber

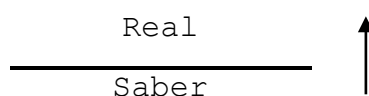
Podemos, a partir disso, dar o acento que convém a tudo o que na análise é construção de saber.

Primeiramente, com relação à interpretação, da qual os pedaços que temos - é exatamente assim que Freud a apresenta -, os relâmpagos de verdade que temos, nós os elevamos ao patamar de saber, fazemos uma construção. Isto, do lado do analista. Freud pensava que essa construção deveria ser comunicada ao paciente no momento oportuno. Quanto ao ato, Freud se distingue de Lacan. Do lado do analisante, o mesmo termo *construção* se impõe. Falamos de construção da fantasia fundamental, o que indica que a fantasia fundamental é uma construção. Não é um saber no real.

Se a fantasia fundamental é uma construção - como Lacan sempre disse, desde que trouxe o termo fantasia fundamental - o que haveria de surpreendente no fato de que o passe como travessia da fantasia fundamental seja igualmente uma construção? É uma construção de saber a partir de efeitos de verdade, uma construção ordenada por um efeito escolhido como primordial ou que se impõe como o *nec plus ultra*. O seu caráter de construção é patente quando se passa do passe como momento da análise, ao passe como exposição no dispositivo. Claro que é uma construção, uma construção que se escolhe e na qual se monta os elementos.

A fé que se tem - quando se tem fé na análise - é que, nas construções, algo do real é colocado em jogo, algo do real é tocado a partir da suposição de saber, algo do real se manifesta a partir do saber. É o que Lacan indica na época em que lança o passe de uma forma muito discreta: a significação de saber, o saber suposto, ocupa o lugar do referente ainda latente. Outrora ensinei a ler essa frase, indicando que esse referente é o objeto pequeno a como real, vindo precisamente a ser cernido pela série significante que se desenrola na análise.

Se tomarmos isso com a crença ingênua do homem simples, isso permite acreditar que se passa, como que insensivelmente, do sujeito suposto saber, que não é real, a um termo que pertence ao registro do real. Imagina-se que, em um momento dado, o saber suposto é metaforizado pelo real, que o referente, o real ainda latente, em certo momento sobe na cena, e diz... O que ele diz? Ele começaria a dizer: "Eu, o real, falo"! Por que não?

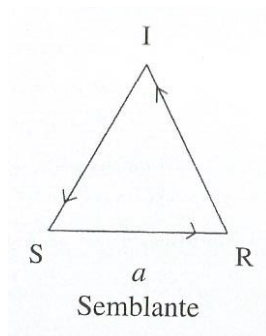


Se acreditarmos que essa metáfora aqui é o que Lacan diz, ou que ele se contenta com isso, é preciso cair de joelhos. É o milagre! Fala-se de milagre quando a relação de causalidade escapa.

Para deslocar um pouquinho o olhar sobre esse negócio, o real dito pequeno a não é todo o real - caso seja possível dizer todo o real, o que justamente não podemos -, é o real que é tomado na fantasia. O pequeno a é um real modificado, colocado em função. É um real resultante de uma construção, da construção da fantasia fundamental, ou seja, a redução das representações fantasísticas, das histórias que a gente conta a si mesmo, para desprender uma espécie de fórmula. Se há real, é um real que resulta de uma construção.

O passe e o real

Justamente por isto, por considerá-lo como um real resultante de uma construção, trata-se de um termo cujo estatuto de real é questionado. Quando se lê Lacan muito rapidamente - embora ele faça tudo para que se reduza a velocidade da leitura -, se tem um choque ao perceber que, no capítulo VIII do Seminário *Mais, ainda*²¹, ele rebaixa o objeto pequeno a do registro do real. Comentei outrora esse capítulo, que é realmente um capítulo que anuncia o nó borromeano. Ele o anuncia sob a forma de um triângulo, cujos vértices trazem as letras maiúsculas do simbólico, do imaginário e do real, que Lacan vai aparelhar em seu nó borromeano.



Aqui, vemos realmente ser preparado esse franqueamento que o último Lacan vai orquestrar. O triângulo é orientado por vetores. É no vetor que vai do simbólico ao real que se inscreve o pequeno *a*, precisamente como semblante.

Acentuei isso outrora, sem sucesso devo dizer, porque todo mundo queria absolutamente que o objeto pequeno *a* fosse real. Todo mundo prezava a metáfora milagrosa do saber no real, embora Lacan indique que esse pequeno *a* está antes do lado do ser do que do real. Ele o qualifica inclusive de semblante de ser, acentuando que o pequeno *a*, esse referente ainda latente que pode tomar o lugar do saber suposto, não pode se sustentar na abordagem do real.

O que se move com isso é a noção, o sentido que pode ser dado ao termo *real*. É evidente que se trata de acostumar-se com um real fora da construção. Isso faz do pequeno *a* um efeito de sentido dependente do simbólico, visando o real, mas só atingindo o ser.

Se prestarmos bem atenção ao que conduz Lacan a construir a noção do passe, como podemos responder a esta questão: o que a operação do saber suposto muda no real? O que Lacan explica que o passe muda no real? Ele diz - sejamos precisos - que o passe muda algo na relação do sujeito ao real, que ele muda algo em sua fantasia como janela sobre o real.

Admitamos que a travessia da fantasia permita uma saída fora da fantasia, em sua definição inicial, embora ela seja momentânea, embora se trate de um vislumbre. Contudo, nada assegura que tal travessia mude necessariamente a pulsão. Esse é bem o sentido do fato de que Lacan - em seu Seminário XI, quando ele já está na via de elaborar a análise com um fim - coloque ainda a questão: "O que tudo isso muda finalmente na pulsão?" É preciso ouvir: De fato, há um resultado no nível do saber, mas diga-me, o que isso muda no real?

A nomeação é uma suposição

Como Lacan observa em seu *Le moment de conclure* - eu glosso aqui, mas tudo isso está contido em três frases que são iluminantes -, Freud recorreu ao conceito de pulsão porque a hipótese do inconsciente, o saber suposto, falha em se sustentar na abordagem do real. Com a pulsão, Freud quis, com efeito, nomear algo do real. Mas, para o último Lacan justamente, a nomeação é muito problemática, é problemático tentar imiscuir-se, com significante, na ordem do real.

Por que Lacan, em um momento, começou a criticar a nomeação em seu último ensino, cuja argumentação nem sempre é desenvolvida? Por que o problema da nomeação? Porque a nomeação é uma suposição, é a suposição do acordo do simbólico e do real. É a suposição de que o simbólico se harmoniza com o real, e que, portanto, o real está de acordo com o simbólico.

A nomeação é a poesia pastoril do simbólico e do real. A nomeação é equivalente à tese do saber no real, ou, ao menos, é o primeiro passo, aquele que pesa, na direção do saber no real. O nome próprio é um ponto de basta, não entre significante e significado, mas entre simbólico e real, a partir do qual nos situamos com relação às coisas, ou seja, no mundo como representação imaginária.

Se não supomos esse acordo milagroso do simbólico e do real, então é preciso um ato. Esse ato só pode resultar do ponto de basta primordial, que é o Nome-do-Pai. Por isso Lacan faz dele o pai do nome, o pai que nomeia, aquele que assume o ato de nomeação, e através disso mesmo, liga o simbólico e o real.

Esse ângulo do último Lacan toma a psicanálise pelo avesso. Ele abala seu fundamento, seu axioma, sua suposição. Questiona o laço entre o simbólico e o real, ou seja, ele convida a pensar a partir de sua disjunção, a

partir de uma relação de exterioridade entre os dois, digamos, partindo de sua não-relação. Foi bem por aqui que ele entrou na questão, já que começou colocando o imaginário na posição de terceiro, de mediação, entre os dois, da disjunção fundamental simbólico e real.

3- Um real fora-do-sentido

Junção e disjunção no nó

Quando se começa a tomar a psicanálise pelo avesso de seu axioma, de sua suposição, daquilo em que ela se sustenta, ou seja, a partir do momento em que se desatrela o simbólico e o real, se diz: "Não é porque você descobriu coisas na sua análise, verdades, saber, muito saber, por cima, por baixo - eu disse o contrário e o resto e, em certo momento, parei porque era tão formidável que eu não podia fazer melhor - que, do lado do real, algo tenha mudado necessariamente". Há aqui uma distância, pode ter mudado no semblante de ser, mas não é obrigatório que isso vá mais longe. Aliás, no real há muito mais coisas do que aquilo que podemos mudar através das experiências de saber - senão se saberia.

Nós progredimos na experimentação nesse caso. Agora não se está mais no nível da produção dos clones, mas de uma nova espécie de macacos, nunca vista. Creio que se pode tranquilamente profetizar que, como há um novo macaco, um novo homem nos espera certamente em algum lugar no século XXI. Qual comitê de ética será capaz de impedir que se resista ao apetite de aperfeiçoar uma espécie que, por sofrer de tantos males, precisou recorrer à psicanálise?

Se vocês refletirem a partir da exterioridade do simbólico e do real, e se vocês se derem conta que há interferências, mas que vocês querem mesmo assim mantê-los separados - sem ser louco, sabendo que quando se manipula algo do lado do simbólico, pode haver efeitos no real - se

vocês os mantiverem separados conceitualmente, o nó se torna necessário. Vocês não podem cortar o nó borromeano. E sob a forma do nó, sob a espécie do nó, *more nudo*, que os dois, simbólico e real, podem permanecer disjuntos estando ao mesmo tempo inseparáveis. O nó borromeano permite que os dois elementos permaneçam disjuntos - eles podem dizer não te conheço - exceto que, simultaneamente, eles são inseparáveis, ou seja, estão ligados de modo a não poderem se separar. A forma borromeana do nó ultrapassa a antinomia da junção e da disjunção. Isso exige a introdução de um terceiro, ele também disjunto dos dois outros.

Vemos aqui com clareza o que é próprio do nó com relação à cadeia. Claro, o nó e a cadeia são duas formas de articulação, mas no nó os elementos permanecem disjuntos. Eles estão ali, cada um por si em uma não-relação radical uns em relação aos outros e, no entanto, eles são tomados em uma relação.

Um real excluído do sentido

É preciso chegar ao real do qual se trata, não o real que vocês encontram no Esquema R de Lacan, em sua *Questão preliminar*²². Trata-se, no entanto, do esquema que é suposto nos dar algo do real. Lacan o batizou com a letra inicial da palavra, esquema R. Temos aqui um real que é enquadrado pelo simbólico e pelo imaginário. Trata-se de campos. Trata-se de recobrimento, por exemplo. Lacan pode dizer: "A relação imaginária especular a-a' dá sua base ao triângulo imaginário, que a relação simbólica mãe-criança vem recobrir".

Isso faz parte do bê-a-bá da construção de Lacan. Partimos do imaginário, e mostramos que há termos que são simbolizados ou que permitem o recobrimento por termos simbólicos. Há também intrusões de um campo no outro. O termo *intrusão* volta várias vezes na própria clínica do

caso Schreber. O termo *intrusão* exprime que os campos do real, do simbólico e do imaginário se comunicam.

De modo geral, quando falamos de simbolização, esse deslocamento, essa circulação, implica a transferência de um elemento que pertence a um campo, para outro campo. É para isso que nos servem normalmente o real, o simbólico e o imaginário. Há toda uma população aqui. Indefinidamente, os elementos reais se deslocam no simbólico, e há elementos imaginários também, e quando não está inscrito no simbólico, isso reaparece no real. É um tumulto.

Não é desse real que se trata. Qual é o devir do real no nó? Ele não é representado como um campo, mas como uma pobre rodela de barbante como tal, disjunta do simbólico e do imaginário. É o real como fora do simbólico e como fora do imaginário. Isso pelo menos é simples. É isso que resume a expressão *fora-do-sentido*, pois, para que haja sentido, é preciso que simbólico e imaginário colaborem e é precisamente isso que está excluído quanto ao real. O que podemos apreender desse real? Há um conceito? Podemos nos perguntar. Lacan ao menos diz que sim, que há um conceito desse real. Diz que é o seu, e se ele coloca tanto o acento no fato de que é o seu, é porque, com efeito, não é tão fácil de transmitir.

Primeiramente, é preciso perceber que é justamente porque definimos o real como excluído do sentido, que podemos colocar sentido sobre o real. Eu não digo "**no** real", digo "sobre". O "no" supõe um campo, e não há o interior da rodela de barbante.

Nós podemos colocar saber sobre o real, mas na perspectiva do real como excluído do sentido, colocar saber aí sempre é uma metáfora. Escrevamos o sentido sobre o real:

Sentido

Real

Isso significa que mesmo o saber é da ordem desses termos que o último ensino de Lacan multiplica, quando ele diz que se trata, não de construções, mas de elucubrações, de futilidades e mesmo de fantasias. Situar assim tudo o que é sentido não poupa o saber nem a ciência. Com relação ao conceito de real como excluído do sentido, tudo o que faz sentido toma o valor de futilidade e de elucubração.

É uma categoria, evidentemente isso se multiplica. Desde que tomamos a perspectiva segundo a qual o acordo entre real e saber é rompido, podemos dizer que todo saber é reduzido ao estatuto de inconsciente, ou seja, ao estatuto de hipótese, de extrapolação e mesmo de ficção. É uma posição radical. Nada daquilo que faz sentido entrará no conceito de real. Isso significa não somente "percam toda esperança", mas também "percam todo sentido".

É extravagante, mas é uma posição de método, no sentido em que falamos da dúvida metódica de Descartes. É a dúvida metódica que permite a Descartes produzir a exceção do ser cuja existência não pode ser evocada em dúvida.

Sintoma e crença

Da mesma forma, quando nos obrigamos a essa salutar disciplina que consiste em colocar o real como excluído do sentido, isso permite eventualmente colocar a exceção do sintoma freudiano, como o faz ocasionalmente Lacan. O sintoma freudiano seria o único real que não exclui o sentido. Para que uma frase desse tipo tenha alcance, para que ela seja mesmo pensável, é preciso ter tomado a perspectiva radical da exclusão do sentido.

É nesse mesmo fio que Lacan pode, em outro momento, remeter o sintoma analítico a um fato de crença. Como ele diz, acredita-se no sintoma. Acredita-se que isso pode falar e pode ser decifrado. Acredita-se que ele tem um sentido.

Esse "acredita-se nele" (*on y croit*) enfatiza a relatividade transferencial do sintoma. "O sintoma, acredita-se nele", que tanto surpreendeu em sua formulação, é a consequência do sujeito suposto saber. Isso muda simplesmente o acento. A pura suposição significativa é traduzida em termos de crença. Quando se diz "suposto", ninguém supõe. Lacan havia insistido nisso. O sujeito é suposto, mas ninguém supõe, ele é suposto no significante. Quando se diz "acredita-se nele", isso valoriza sobretudo que é preciso que alguém acredite.

Podemos formular, com base nesse fundamento, que a crença transferencial visa o saber no real como um sentido que pode falar, tal como um sujeito. O que é a crença transferencial? Demos a ela seu nome. É o amor.

É aqui que encontra o seu lugar apropriado aquilo que Lacan pode dizer - nós nos perguntamos porque, se apenas o tomamos separadamente - na página 69 de *Mais, ainda*²³: "O amor visa o sujeito". O amor visa o sujeito suposto um signo. O "acredita-se nele" convoca e exprime o amor. É justamente por isso que se pode situar, como o faz Lacan no seu último ensino, uma mulher na posição de sintoma, por excelência.

As afinidades da mulher e do sintoma, não é tão somente porque o sintoma é aquilo que não vai bem, como um vão povo o pensa imediatamente. É aquilo que é capaz de falar. É isso que está no fundamento da mulher-sintoma. O que vocês escolhem como mulher-sintoma, é uma mulher que fala a vocês.

Outrora, desenvolvi a outra vertente: uma mulher espera que se fale para ela. É bem por isso que Lacan fala, no mesmo movimento, do "acreditar no sintoma" e exatamente ao mesmo tempo "acreditar em uma mulher". Trata-se de um sintoma falante e que demanda ser escutado, e mesmo ouvido. Para ter uma mulher como sintoma - o que é a única forma de amá-la - é preciso escutá-la, é preciso decifrá-la.

Quando os homens não estão disponíveis, quando não têm tempo, ou então quando eles estão diante de seu computador, que é um outro sintoma a decifrar, um outro sintoma que fala, ou que eles decifram os sintomas de seus clientes, pois bem, as mulheres vão à análise.

Trata-se de uma definição do amor que não é narcisista, a qual se procurou. Isso é muito simples: o amor narcisista é aquele que visa uma imagem, ao passo que o amor lacaniano é aquele que visa o sujeito. O sujeito suposto é o amor na medida em que ele introduz sentido e saber no real. É a única via pela qual o saber e o sentido se introduzem no real.

O real sem lei

Podemos situar aqui os enunciados esparsos de Lacan, que pode dizer ao mesmo tempo, sobre esse fundamento, que as mulheres são terrivelmente reais e, simultaneamente, destacar que elas são terrivelmente sensatas, inclusive o suporte do sentido, e ao mesmo tempo, eventualmente terrivelmente insensatas. Todos esses termos devem ser ordenados em torno do fato de que o amor é o que o sujeito visa. Só percebemos tudo isso, caso tenhamos o bom conceito do real como fora-do-sentido, mas também como real sem lei.

Isso aparece demais, quando Lacan diz: "O real é sem lei". Aqui se abandonava os fundamentos mesmos da racionalidade. E mais, fora-do-sentido, se fazemos a confusão desse fora-do-sentido com o significante, quase não percebemos. Mas sem lei!

A lei é com efeito da ordem da construção, da futilidade da construção. Nosso conceito metódico do real nos obriga a deslocar o estatuto da lei. Aliás, o que prova que não se trata do real, é que as leis, que encontramos no real, mudam²⁴.

A melhor prova de que a ciência é apenas uma fantasia, que é verdadeiramente a posição a mais tranquila,

é justamente o fato de que há uma história da ciência, que se remaneja. Em suma, parece até uma análise!

É fazendo a distinção entre o real propriamente dito e o sentido que encontramos algo como *lalíngua*. Como é que Lacan inventou *lalíngua*, a distinguir da linguagem? É que justamente ele elevou de um grau o seu conceito de linguagem e de sua estrutura no nível da futilidade do sentido. Ele disse: "Finalmente, essa linguagem com sua estrutura, é uma construção, uma elucubração de saber que se estabelece sobre o que é o real propriamente dito".

O método do qual se trata consiste em buscar o real em tudo. Procurar o real, tentar passar sob o sentido, tentar dispensar as construções, mesmo elegantes, mesmo convincentes, sobretudo se elas são elegantes. É isso que Lacan assume e demonstra em seu último ensino. Trata-se de um certo "nada de elegância!"

Há um livro que disseco nesse momento e que se chama em inglês *The Elegant Universe, O universo elegante*. Essa obra é dedicada a expor algo que tem evidentemente para nós um efeito de ressonância, a teoria das cordas e supercordas, ou seja, uma teoria das mais recentes que pretende unificar o campo da física. No entanto, o que é formidável é que de fato ele renuncia às partículas, ele renuncia aos pontos - como uma correspondência desse ponto com qualquer outro - mas coloca no lugar, como elemento básico, cordas. Nós podemos dizer: realmente, que pressentimento de Lacan. Exceto que não são exatamente as cordas de Lacan, mas cordas vibrantes. E, sobretudo, que isso seja feito para dar um universo elegante não é feito para fornecer confiança.

Tradução: Maria de Souza

¹ *L'Orientation lacanienne III, 3, Le lieu et le lien* (2000-2001), 10 & 17 de janeiro de 2001. Textos e notas estabelecidos por Catherine Boningue. Publicado na revista *La Cause freudienne*

nº 48, Paris: maio de 2001. Originalmente traduzido e publicado em português, com a amável autorização de Jacques-Alain Miller, na revista *Phoenix*, Curitiba: Escola brasileira de Psicanálise - Delegação Paraná, n. 3, 2001, p. 9-43. Esta tradução foi revisada e reeditada pela equipe da revista ao ser republicada neste número de *Opção Lacaniana on-line nova série*.

²Cf. MILLER, J.-A. "Les Journées de l'École de la Cause freudienne", *La Lettre mensuelle* nº 193, dezembro de 2000, pp. 1-5.

³Cf. IDEM. "Psychanalyse et psychothérapie", *La Cause freudienne* nº 22, Paris, 1992, pp. 7-12. Publicado em português In: J. FORBES (org.) (1997), *Psicanálise e psicoterapia*. Campinas/São Paulo: Papiros Editora.

⁴Personagem do romance policial do francês Gaston Leroux. LEROUX, G. (1976) *Le crime de Rouletabille*. França: Brodart et Taupin.

⁵LACAN, J. (2003[1973]) "Televisão". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 508-543.

⁶ IDEM. *Ibidem*.

⁷IDEM. (1998[1948]) "A agressividade em psicanálise". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp.104-126.

⁸IDEM. (1998[1953]) "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 238-324.

⁹ IDEM. (2003[1972]) "O aturdido". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 448-497.

¹⁰ IDEM. (2003[1972-1973]) *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 126-146.

¹¹ IDEM. (1975) *Scilicet 6/7*. Paris: Seuil.

¹² IDEM. (2003[1972]) "O aturdido". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 448-497.

¹³ IDEM. (2003[1972-1973]) *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

¹⁴Cf. MILLER, J.-A. *La conversation d'arcachon*, Paris, Le Paon, Agalma, 1997.

¹⁵Cf. IDEM. (1982-1983) "Du symptôme au fantasme et retour", *L'Orientation lacanienne II*, 2. Todo o início do curso, ou seja, de novembro de 1982 a março de 1983, é dedicado a diferenciar sintoma e fantasia, o acento sendo colocado no fantasma. A última parte do curso inicia um movimento de retorno da fantasia sobre o sintoma, acentuando aqui a importância do sintoma sobre a fantasia.

¹⁶Cf. IDEM. (1992) "Sur le déclenchement de la sortie d'analyse (conjonctures freudiennes), La sortie d'analyse I et II", *La Lettre mensuelle* n° 118 & n° 119, École de la Cause freudienne, Paris: 1993, pp. 26-30 & pp. 31-38.

¹⁷ Se nós encontramos uma ou duas ocorrências em "Du symptôme au fantasme..." - em 24 de novembro de 1982, o termo *sinthoma* é citado com relação à Joyce e em 1° de junho de 1983: "Entre as questões que eu lamentava não ter tratado esse ano, é [...] de ter demonstrado uma construção que possa diferenciar a metáfora e a metonímia do sintoma. Eu fiquei voluntariamente aquém do *sinthoma* tal qual Lacan começou a escrevê-lo a partir de certa data, por isso modifica profundamente a problemática que eu desenvolvi nesse ano, e que, para trazê-lo de forma válida, é preciso um certo número de considerações que *O aturdido* esclarece. É preciso ter conseguido animar esse assunto no real para abordá-lo" (JAM) -, na verdade, é mais tarde que J.-A. Miller traz verdadeiramente essa contribuição. Poderemos nos referir principalmente a MILLER, J.-A. "Une nouvelle modalité du symptôme" (13 de maio de 1998), *Les feuillets du Courtil* n° 16, 1999, pp.11-29; ou ainda anteriormente, IDEM. "Le *sinthome*, um mixte de symptôme et fantasme" (11 mars 1987), *La Cause freudienne* n° 39, 1998, pp. 7-17.

¹⁸ LACAN, J. (1977-1978) *Le Séminaire XXV: Le moment de conclure*. Paris: Éditions de La Association Freudienne Internationale, s/d, aula de 15 de novembro de 1977.

¹⁹ Cf. IDEM. (1977) *Le Séminaire, Livre XXV, Le moment de conclure*, "Une pratique de bavardage", *Ornicar?* n°19, Lyse/Paris: 1979, pp.5-9.

²⁰ IDEM. (1977-1978) *Le Séminaire XXV: Le moment de conclure*. Paris: Éditions de La Association Freudienne Internationale, s/d, aula de 15 de novembro de 1977.

²¹ IDEM. (2003[1972-1973]) *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., pp. 126-146.

²² IDEM. (1998[1955-1956]) "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 537-590.

²³ IDEM. (2003[1972-1973]) *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

²⁴ J.-A. Miller desenvolveu a questão do real sem lei no seminário seguinte, de 24 de janeiro de 2001.